

A EDUCAÇÃO SEGUNDO FLORESTAN FERNANDES

Iziane Silvestre Nobre¹

Lucíola Andrade Maia²

RESUMO

Este artigo foi produzido com base na pesquisa Florestan Fernandes e a luta do Movimento dos Sem-Terra MST por educação sobre a obra de Florestan Fernandes, por meio do grupo de pesquisa Práxis, Educação e Formação humana, o qual integra o pensamento crítico de Florestan Fernandes para a educação brasileira. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, procurando refletir sobre os escritos de Florestan Fernandes acerca da educação, relacionando-os com o pensamento de teóricos que defendem a função libertadora da educação, por meio da abordagem dialética como forma de interpretar a realidade. Nesse sentido, discorreremos sobre três aspectos que consideramos importantes: o breve histórico da vida de Florestan Fernandes, analisando sua vida sob o prisma sociológico, o papel do educador em desmascarar a realidade e sua visão acerca da educação e de como ela pode ser um instrumento de libertação do oprimido, a partir da formação sociopolítica, que culmina com a emancipação humana.

Palavras-chaves: Florestan Fernandes, Educação, Formação política, Emancipação humana.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE – Bolsista PROVIC da pesquisa Florestan Fernandes e a luta do movimento dos sem-terra MST por educação. Email: iziane@hotmail.com.

² Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutora em Educação brasileira. Coordenadora da pesquisa “Florestan Fernandes e a luta do movimento dos sem-terra MST por educação”. Email: luciolamaia1313@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal focar a vida e a obra de Florestan Fernandes. Cabe observar a coerência entre aquilo que defendia e sua prática como sujeito social e político, destacando seu valor como sociólogo, professor universitário, militante e deputado federal, explicitando sua colaboração para a teoria da educação libertadora, e como se constitui num instrumento de libertação do oprimido.

Discorreremos três aspectos importantes concernentes a Florestan Fernandes: sua história de vida, contrastando com a realidade de menino pobre das ruas de São Paulo; sua importância como educador militante na qual compreende a educação como uma ferramenta importante para a transformação da sociedade, bem como para o campo das ciências sociais, como fundador da sociologia crítica brasileira através do método dialético de investigação dos fatos.

Desta forma, ao estudarmos seus escritos referentes à educação, podemos compará-lo com outros teóricos que se dedicaram a interpretação crítica da realidade, que veem na educação, um meio na qual o sujeito possa se libertar da sua condição de oprimido, através da conscientização política.

Nesse sentido, investigamos as relações existentes entre Florestan Fernandes com outros teóricos como Paulo Freire, Gadotti e Marx, e seus ideais de educação visando à formação do novo homem para a construção de uma nova sociedade fundamentada nos ideais do socialismo.

A metodologia aplicada é de caráter bibliográfico com abordagem qualitativa, sob o crivo da dialética, por se tratar das relações contraditórias e conflitantes que envolvem a sociedade, conforme afirma Fazenda (2004) sobre a dialética do materialismo histórico:

A dialética situa-se, então, no plano de realidade, no plano histórico, sob a forma da trama das relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos. (FAZENDA, 2004, p. 75)

Por conseguinte, Florestan Fernandes como marxista, entende as contradições que envolvem a sociedade, chegando à raiz dos problemas sociais, rompendo com o modo de pensar dominante, passando a orientar sua vida de maneira geral pela práxis. A partir disto, podemos vislumbrar a importância de Florestan Fernandes como educador militante das causas sociais nas quais revelam sua coerência e fidelidade para com os “de baixo”.

BREVE HISTÓRICO DA VIDA DE FLORESTAN FERNANDES³

A relevância da história de Florestan Fernandes se dá primeiramente por seus confrontos diários com a opressão do capital e sua luta pela sobrevivência. Filho de uma lavadeira, teve que trabalhar desde os seis anos para ajudar no sustento da casa, tendo uma infância marcada por diversos tipos de privações, obrigando-o a amadurecer rapidamente, pois as próprias circunstâncias apontavam para isto. Segundo Cerqueira (2004), a própria situação adversa o tornou um aprendiz de sociólogo, pois era constrangido a enfrentar os desafios da sobrevivência.

Com uma infância marcada pela labuta, trabalhou como engraxate nas ruas de São Paulo, ajudante nas feiras livres, trabalhou ainda como alfaiate, garçom, dentre outras profissões. Nestas condições, lhe foram negados os direitos básicos, lhe sendo exigido trabalhar para prover o sustento da família.

Daí a identificação da história de Florestan Fernandes com a de milhares de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, que tem seus direitos à educação negados, não pela ausência de equipamentos públicos, mas porque a situação de miséria não lhes deixam optar entre trabalhar e/ ou estudar.

Florestan Fernandes chamava a atenção por sua inteligência e capacidade de argumentação, pois possuía conhecimentos incomuns para um humilde trabalhador. Segundo a história de Florestan Fernandes e amigos da USP, nas horas de folga, era comum encontrá-lo lendo livros, até que um jornalista o convenceu a voltar a estudar, que não teve a aprovação da mãe de imediato, por medo de ser rejeitada pelo filho, mesmo sem

³ CERQUEIRA, Laurez. Florestan Fernandes: vida e obra, 1ª edição, São Paulo, expressão popular, 2004.

ter tido o apoio que esperava, com muito esforço conciliou trabalho e estudo, ingressando no curso de ciências sociais.

Como sociólogo, Florestan Fernandes fundou a sociologia crítica brasileira, estudou sobre vários métodos, se debruçando em teorias nem sempre afins, mas que conseguia fazer as relações, conforme Candido (1995). Fez profundas reflexões sobre a maioria explorada: indígenas, negros e a população pobre, o que reforça seu compromisso para com as classes oprimidas.

Nesse sentido, Candido⁴ define o caminho de Florestan Fernandes na academia e a construção do seu pensamento humanista e revolucionário socialista:

O Florestan dos anos 40 é o da construção do saber, que ao construir o seu, constrói a possibilidade do saber aos outros. O Florestan dos anos 50 é o que começa a se apaixonar pela aplicação do saber ao mundo, porque tendo já os instrumentos na mão, se dedica a aplicá-los para compreender os problemas do mundo. O terceiro momento é o do Florestan que tendo aplicado o saber a compreensão do mundo, o transforma numa arma de combate. (CANDIDO, 2001, pag. 28)

Florestan Fernandes compreendia a razão dos índios, negros e pobres serem explorados, uma vez que estamos imersos no sistema capitalista que é produtor da desigualdade e injustiça social, fazendo com estes segmentos sejam excluídos da sociedade. Pela sua experiência sabia que não existem oportunidades iguais para ricos e pobres, e mesmo com sua estabilidade como professor da USP e mais tarde deputado federal se manteve fiel a sua classe de origem⁵.

Devido sua militância nos movimentos sociais, segundo Candido⁶, Florestan Fernandes valia por si só um partido, pois compreendia seu papel de educador, levando-nos a conscientização do nosso dever de lutar para a transformação das bases desta sociedade.

Desta maneira, ao pensarmos o histórico da vida de Florestan Fernandes desde a infância e como professor universitário, pesquisador, militante e deputado federal, veremos que em toda sua trajetória foram marcados sua coerência e seu compromisso ético com os

4 Ibid.

5 Ibid

6 Ibid

de baixo, e mesmo nas condições mais adversas soube ser coerente com os seus princípios e seus ideais.

O EDUCADOR SEGUNDO A PERSPECTIVA DE FLORESTAN FERNANDES

O fato de Florestan Fernandes antes de ter entrado na academia ter vivenciado muitos conflitos desde a sua infância, isso o ajudou a ter uma compreensão mais sociológica dos fatos e das experiências que teve, colaborando para que este tivesse um posicionamento mais crítico frente às problemáticas sociais.

Nesse sentido, ao nos reportamos a Florestan Fernandes como educador, veremos que ele compreendia a função política da educação, que não é apenas de ensinar os conteúdos descontextualizados da prática, mas ensiná-lo em consonância com a realidade na perspectiva de emancipação humana, através da conscientização política. Desta forma, é relevante a afirmação de Florestan Fernandes quando diz que:

Pensar politicamente é alguma coisa que não se aprende fora da prática, se o professor pensa que sua tarefa é ensinar o ABC e ignora a pessoa de seus estudantes e as condições em que vivem, obviamente não vai aprender a pensar politicamente ou talvez vá agir politicamente em termos conservadores, prendendo a sociedade aos laços do passado, ao subterrâneo da cultura e da economia. (FERNANDES, 1989, p. 165)

Nessa direção, Paulo Freire também via no ato de educar um ato político, definindo assim a função social e política da educação, que não deve ser o de depositar conhecimento, mas o de problematizar a realidade, fazendo com que estes tenham consciência da situação de opressão que estão envolvidos, e assim possam participar ativamente dos espaços políticos.

Desta forma, não basta apenas ter conhecimento da situação de opressão na qual estamos imersos, mas o de agir para a construção de uma nova sociedade sem explorados e exploradores.

É imprescindível que o educador se posicione diante da realidade, mas para isso, requer um amplo conhecimento da realidade, para que possa contribuir com a transformação da sociedade. Ademais Fernandes (1989) defende a incorporação da condição de oprimido, fundindo o papel de educador ao de cidadão, pois se não tiver em si a figura forte do cidadão acaba se tornando um instrumental para qualquer manipulação, seja ela democrática ou totalitária.

Nesse sentido, se o educador não quiser ser como o sacerdote da burguesia deve-se colocar objetivamente diante dos papéis que desempenha dentro do sistema educacional, que não é o de reproduzir conceitos e teorias aceitos universalmente pela burguesia, mas o de se contrapor a tais concepções, contribuindo para a emancipação humana. Nesta perspectiva, é relevante esta afirmação:

Faz-se mister que o professor se assuma enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, neutro, mas sim definindo para si de qual lado está [...] ou se está a favor dos oprimidos ou contra eles. Posicionando-se este profissional não mais neutro, pode ascender à sociedade usando a educação como instrumento de luta, levando a população a uma consciência crítica que supere o senso comum. (RUIZ,2003,p. 33)

Florestan Fernandes assim como Paulo Freire denuncia que a neutralidade pressupõe um posicionamento político, nesse sentido, possuem comportamentos e atitudes totalmente condizentes com os interesses da burguesia. Desta maneira, é importante dizer que o professor assumo seu papel de professor pesquisador e investigue a realidade, denunciando suas contradições e apresentando propostas que levem a emancipação coletiva dos trabalhadores.

Há que combater a neutralidade do pensador e do investigador, mediante uma politização explícita através dos valores fundamentais da universidade livre e democrática. Há que expandir alternativas de produção cultural que nasçam somente da imitação, da importação de pacotes, universitários, do prestígio do padrão internacional dos professores. Trata-se conferir autonomia e prioridade à invenção cultural nativa e a interdependência como uma relação de reciprocidade. (FERNANDES, 1989, p. 85).

Por conseguinte, é importante realçar a necessidade do professor de resignificar a prática educativa, uma vez que a dependência ao capital, não é apenas econômica, mas ideologicamente através dos aparelhos ideológicos do Estado, conforme denominou Althusser (1998). Interioriza-se os valores dominantes de submissão à ordem existente

pelos meios que o capitalismo dispõe para inculcar a lógica da divisão entre as classes de servos e senhores.

Nesse sentido, Florestan Fernandes é mais radical que Paulo Freire porque ele vai a raiz dos problemas sociais, contrapondo-se a Paulo Freire quando afirma que não existe a pedagogia do oprimido, mas a pedagogia da desopressão, da liberação do oprimido.

Diante desta situação, Florestan Fernandes⁷ denuncia o fato de não ser investido na formação política dos educadores, pois sem conhecimento da realidade, mais acomodável ele é, por isso que muitos findam tendo uma atitude de confraternização, ao invés de romper com este estado de dominação.

Portanto, para que haja verdadeiramente mudanças na ordem vigente, reforça a necessidade da indissociabilidade do professor e cidadão, a fim de exigir que a mudança ocorra tanto dentro da escola quanto fora. Desta forma, ele compartilha com o pensamento de Gramsci (1988) ao conceber que a educação está para além dos muros da escola, ultrapassando as barreiras impostas pelo sistema a fim de impedir a emancipação humana dos trabalhadores.

A EDUCAÇÃO NA VISÃO DE FLORESTAN FERNANDES

Para Florestan Fernandes, a educação deve ser vista por uma perspectiva de classe, entendendo que a razão do dualismo educacional reflete a estrutura de classes da sociedade capitalista, e assim permanecem semelhantes antagonismos.

Por existir dois tipos claros de educação: uma educação voltada para a burguesia manter seu estado de dominação, e a outra, que tem o propósito de preparar para o mercado de trabalho. Estes mesmos modelos de educação oferecida aos *de baixo* é alienante, e só contribui para objetificação do trabalhador, a fim de prepará-lo para atender as demandas do mercado. Fernandes ilustra essas ideias com seu pensamento crítico.

⁷

Ibid

Há muitos que pensam na educação para a classe trabalhadora como uma educação exclusivista. É trabalhador? Então vai ser operário, ele precisa de uma educação técnica, precisa ser instruído, não educado, ele precisa ser adestrado, não polido, intelectualizado! Ora, o trabalhador tem tanta necessidade de cultura quanto aquele que não é trabalhador, aquele que é proprietário dos meios de produção. (FERNANDES, 1989, p. 243)

Ao analisarmos esta citação, verificamos que a educação que é disponível ao trabalhador é aquela que servirá aos interesses da burguesia, não oferecendo alternativas concretas de formação humana, a não ser aquela que irá treiná-lo para o mercado.

Ao compararmos esta visão da educação técnica profissionalizante com a educação pela perspectiva dialética, veremos que um dos diferenciais é o de se estar educando para a liberdade, rompendo com a exclusão e a marginalização do proletariado na esfera do ensino⁸.

Estudando a educação nessa linha teórica, cabe reiterar a afirmação de Oliveira(2010, pag. 59) *apud* Gramsci “Educar é: Colocar fim a separação entre Homo Faber e Homo Sapiens, é resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias”.

Portanto, pode-se afirmar que ao quebrar esta lógica de separação entre o tipo de educação pensante e a servil, estamos resgatando o sentido estruturante da palavra educação, ao incentivar o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos físicos, social e espiritual.

Seguindo esta linha, cabe complementar com o pensamento de Maia (2010) acerca da unificação do trabalho manual com o intelectual:

A unificação entre trabalho manual e trabalho intelectual mostra a possibilidade de o homem tornar seu trabalho íntegro, no qual é possível reconhecer a si mesmo como trabalhador pensante, que usa o cérebro para trabalhar e criar, pondo fim ao trabalho produtivo alienado, explorador, fragmentado, que mutila e danifica o homem. (MAIA, 2010, p. 52).

Desta maneira, supõe que o desenvolvimento da educação integral do homem, a partir da Filosofia da Práxis, garante os meios para que o trabalhador possa ter este conhecimento da realidade e assim intervir, sucedendo aquilo que foi proposto por Freire⁹,

⁸ Ibid

que é na permanente ação-reflexão-ação que os homens se formam e interferem na realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de Florestan Fernandes para a educação brasileira deve-se a todo um conjunto de fatores que combinam o fato de sua própria vida ser por si só um objeto sociológico, vivendo todas as contradições do sistema, sendo oprimido e marginalizado pela sua condição social.

Portanto, ao estudarmos os escritos de Florestan Fernandes sobre educação, vemos o quanto ele a considerava importante, conferindo uma especial ênfase para o professor, identificando sua função social e política do educador no processo de transformação da sociedade.

Desta maneira, ao compreender que o professor deve pensar na educação pela ótica da perspectiva da luta de classes, instiga o desnudamento da realidade, e assim contribui para que a educação se torne efetivamente um instrumento de libertação nas mãos do povo.

Florestan Fernandes diz que é preciso sermos radicais, e esta radicalidade o leva a raiz dos problemas sociais, e uma das maneiras de romper com este ciclo de dominação, era o professor assumir uma posição política a frente dos fatos, tendo em vista que a neutralidade também pressupõe um posicionamento político na sociedade de classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antonio. **Florestan Fernandes**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

CERQUEIRA, Laurez. **Florestan Fernandes: vida e obra**. 1º edição, São Paulo, expressão popular, 2004.

FAZENDA, Ivani (org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo, 9º edição, Editora Cortêz, 2004.

FERNANDES, Florestan. **O desafio educacional**. São Paulo. Editora Cortez (autores associados), 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2005.

MAIA, Lucíola Andrade e PINHEIRO, Carísia Maia. **Mestres da Educação socialista**. Fortaleza, Editora CCB, 2010.

OLIVEIRA, Marcos Marques. **Florestan Fernandes coleção educadores**. Recife PE, Editora Massangana, 2010.

RUIZ, Maria José Ferreira. **O papel social do professor: uma contribuição da filosofia da educação e do pensamento freireano à formação do professor**. <<http://www.rieoei.org/rie33a03.htm>> acessado em: 11 de março de 2012.